

GERMANO DO CARMO ●

Cid, o inovador

A escola portuguesa de angiologia e de cirurgia vascular deve a médicos que tiveram a coragem de arriscar e inovar, pioneiros como Egas Moniz, Reynaldo dos Santos e João Cid dos Santos

TERÃO existido momentos que, sabemos agora, foram determinantes da nossa existência, momentos que gostaríamos de ter vivido, partilhado. Quem, como eu, apenas ouve, empenhadamente, os relatos desses tempos, retém somente um prazer nostálgico dessa vivência imaginária. Um cirurgião vascular português, com a minha idade, não pode deixar de sentir todas essas sensações.

Vem esta introdução a propósito da comemoração do centenário do nascimento do Professor João Cid dos Santos, que terá sido, juntamente com Egas Moniz e Reynaldo dos Santos, um dos pioneiros da angiologia e cirurgia vascular moderna.

Egas Moniz, nascido em 1874, licenciado em Medicina em 1900 pela Universidade de Coimbra e doutorado em 1901, embora nomeado professor de Neurologia da Universidade de Lisboa em 1911, só aos 50 anos iniciou a sua aventura na investigação. Em Junho de 1927, depois de um plano de estudo bem desenhado, no qual investigou os

líquidos de contraste, a tolerância dos tecidos a estes (através da injeção em animais), as técnicas de injeção e a definição da anatomia vascular normal (efectuando angiografias em cadáveres), conseguiu realizar a primeira arteriografia cerebral, fazendo o diagnóstico de um tumor da glândula pituitária.

Nos sete anos seguintes fez mais de 1000 arteriografias, tendo contribuído indelevelmente para o conhe-

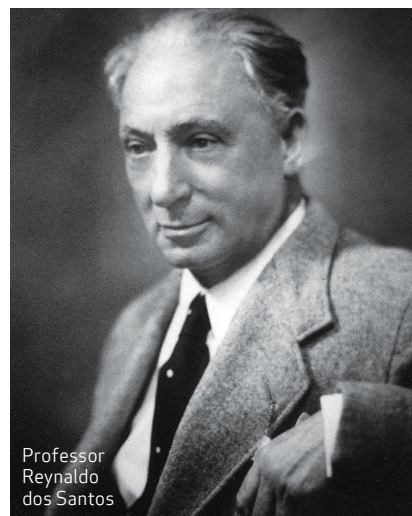
cimento da anátomo-fisiopatologia da circulação cerebral, diagnóstico topográfico dos tumores cerebrais e de lesões e malformações vasculares diversas.

Recebeu, como todos sabemos, o Prémio Nobel da Medicina em 1949, não por esta enorme descoberta mas pelo tratamento cirúrgico de algumas doenças psiquiátricas através da leucotomia pré-frontal.

AVANÇO EXTRAORDINÁRIO

Também Reynaldo dos Santos nasceu em 1874, licenciando-se em Medicina pela Universidade de Lisboa em 1903, e foi designado professor de Cirurgia e Urologia em 1907.

Filho de médico, teve um percurso insólito, pois no ano seguinte à sua formatura viajou para Paris, onde encontrou Theodore Tuffier, que terá sido um marco na sua formação e postura e, posteriormente, contrariamente ao espírito da época quando os americanos vinham à Europa apreender os conhecimentos mais recentes, ►

Professor
Reynaldo
dos Santos

● Angiologista e cirurgião vascular do Hospital da Luz.



1 Aortografia, exame efectuado pela primeira vez pelo Prof. Reynaldo dos Santos

prevendo o início da montagem da medicina moderna. Aí relacionou-se com a comunidade médica e aproximou-se de variadíssimas personalidades, entre as quais se contam Carrel e Cushing.

Regressado a Lisboa, dedicou-se com distinção à cirurgia, e, pelo que consta, a sua vibração impulsionava todos em seu redor. Paralelamente, frequentava círculos intelectuais, onde convivia com personalidades como Aquilino Ribeiro, Almada Negreiros, Afonso Lopes Vieira, Eugénio de Castro, Jaime Cortesão, Raul Brandão, Raul Lino e Viana da Mota, entre outros.

Após a Guerra Mundial de 1914-1918, período em que esteve mobilizado em França, Reynaldo dos Santos empenhou-se na enorme revolução que

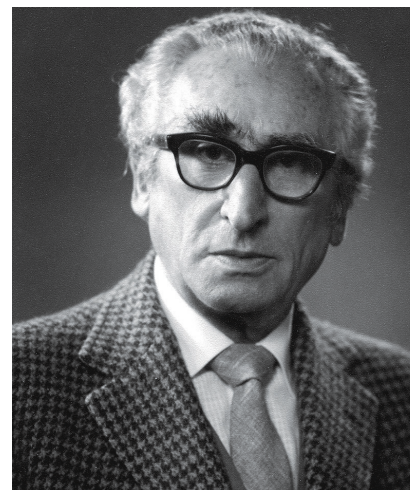


João Cid dos Santos, em 1935, em Estrasburgo, com outros prestigiados médicos

se esboçava na cirurgia. Eram os primórdios da cirurgia que corrige, que recupera, os primeiros passos ténues da cirurgia da dor e da cirurgia vascular.

Em 1928, estimulado pelo impulso dado pelos estudos realizados por Egas Moniz e percebendo as suas potencialidades, que não se limitavam à circulação encefálica, realizou a primeira arteriografia dos membros, e imediatamente a seguir, num gesto ousado, pois a aorta era considerada até então intocável, a primeira aortografia trans-lombar. Um avanço extraordinário!

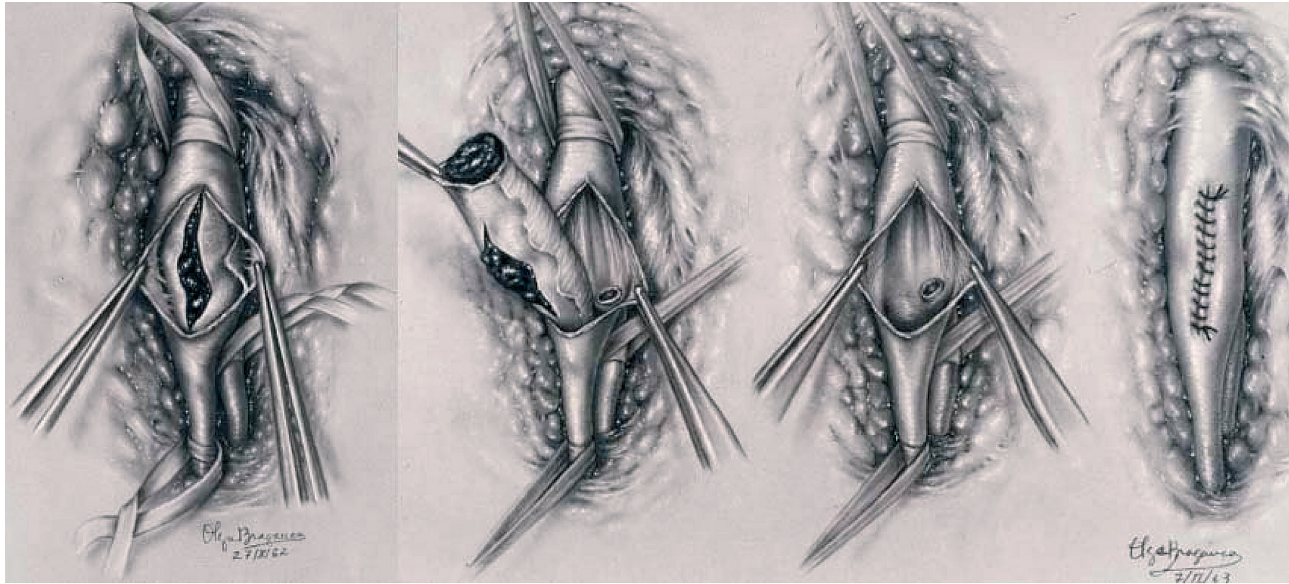
A partir desse momento, toda a circulação arterial podia ser visualizada, uma série de patologias compreendidas e estratégias cirúrgicas de reconstrução desenhadas. Em 1937 foi condecorado por Rudolph Matas com a Violet Heart Fund Medal, por ter sido “[...] o cirurgião que mais contribuiu para o avanço da cirurgia vascular [...]”.



2 João Cid dos Santos

ARRISCAR E GANHAR

João Cid dos Santos, filho de Reynaldo, nasceu em Lisboa em 1907, tendo crescido num ambiente de intelectuais, amigos do seu pai, que nesse pe-



ARRISCAR E GANHAR

João Cid dos Santos, filho de Reynaldo, nasceu em Lisboa em 1907, tendo crescido num ambiente de intelectuais, amigos do seu pai, que nesse período dominavam os seus campos de acção.

Licenciou-se em Medicina na Universidade de Lisboa, em 1933, e dois anos depois rumou a Estrasburgo, por convite de René Leriche, amigo do pai desde os tempos da I Guerra Mundial. Leriche – que descreveu a síndrome de impotência sexual, claudicação glútea e ausência de pulso nos membros inferiores (doença arterial oclusiva aorto-iliaca) e foi o primeiro a conceber a simpaticectomia lombar como uma possibilidade para incrementar o fluxo nas artérias dos membros em quadros de isquemia crónica – era uma das grandes referências da cirurgia vascular mundial, como professor e cirurgião.

Em Estrasburgo, Cid dos Santos conviveu com a nata dos seus pares, nomeadamente Jean Kulin (primeiro *bypass* com enxerto venoso), Fontaine (classificação dos quadros de

A endarteriectomia, técnica inventada em 1946 por João Cid dos Santos, difundiu-se pelo mundo e continua a ser o procedimento de eleição quando existem lesões obstrutivas ou oclusões segmentares nas artérias

isquemia crónica), Arnulf, Jung e Michael E. DeBakey, este o artífice maior da cirurgia vascular actual, que concebeu e realizou, além de instrumentos cirúrgicos e próteses sintéticas, um número indeterminável de procedimentos e técnicas de cirurgia arterial reconstrutiva.

Em 1944, Cid dos Santos apresentou a tese de doutoramento intitulada “Patologia geral da isquemia dos

membros”, sendo nomeado professor de Cirurgia na Universidade de Lisboa em 1949.

Na sequência dos trabalhos de Egas Moniz e de seu pai, Cid dos Santos expandiu as técnicas angiográficas, aplicando-as pela primeira vez às veias dos membros inferiores. Realizou a primeira flebografia em 1933 e nos 14 anos seguintes efectuou mais de 12.000 exames, descrevendo cerca de 80 técnicas distintas, contribuindo decisivamente para o conhecimento da anatomia, fisiologia e patologia da circulação venosa dos membros inferiores.

Em 1946 desafiou os conceitos estabelecidos e aceitos por toda a comunidade cirúrgica, cometendo o ‘sacrilégio’ de remover um trombo antigo e a placa de ateroma com a íntima da artéria, de forma a conseguir a sua desobstrução, deixando exposta a camada média, muscular, do vaso. Era presumido que esta exposição levaria inevitavelmente à retrombose da artéria. Cid dos Santos usufruiu da experiência clínica de Gordon Murray com a utilização da heparina, medicamento anticoagulante ▶

Para lá do trabalho notável na investigação e criação médico-científica, João Cid dos Santos era um homem de cultura. Iniciava uma aula sobre tumores renais e acabava a dissertar sobre Gil Vicente

descoberto anos antes por Jay McClean, presumindo que esta impediria a formação de trombo local. Estava certo!

A endarteriectomia, como é denominada a técnica, difundiu-se pelo mundo, passou e continua a ser o procedimento de eleição quando existem lesões obstrutivas ou oclusivas segmentares nas artérias. Um dos exemplos óbvios é a endarte-

riectomia da bifurcação carotídea, técnica utilizada universalmente quando existem lesões estenosantes significativas da origem da artéria carótida interna.

VISÃO HUMANISTA

Para lá do trabalho notável na investigação e criação médico-científica, João Cid dos Santos era um homem

de cultura. Alguém com tamanho fascínio que, como me referiu o meu pai, que foi seu aluno, iniciava uma aula sobre tumores renais e acabava a dissertar sobre Gil Vicente, o teatro vicentino e a custódia de Belém.

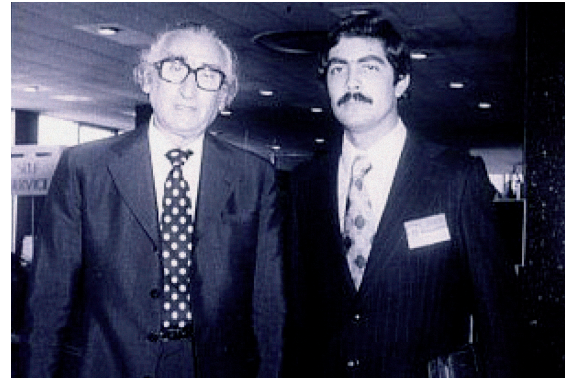
Era um extraordinário conferencista, que emprestava uma visão humanista e filosófica aos temas que abordava. Basta olharmos para os títulos de algumas das suas palestras para termos essa percepção: “Saber perder tempo”; “Garfos, facas e colheres ou a adaptação do espírito à investigação clínica”; “As oliveiras de Sócrates e os plátanos de Hipócra-

tes”; “A Medicina: última profissão romântica do mundo”...

Refugiava-se com frequência na música, no seu piano, que tocava diariamente por alguns minutos e tinha, facto incontornável, grandes dotes culinários...

Conta-se que frequentemente, após um dia de trabalho, quando se deslocava ao Belcanto, restaurante situado junto ao Teatro de S. Carlos, ia para a cozinha e confeccionava o seu próprio jantar. Ainda hoje, no cardápio desse restaurante existe um prato designado por “Ovos mexidos à Professor”, uma reminiscência dessa sua prática.

▶ João Cid dos Santos e Dinis da Gama, em Barcelona, em 1973



Por último, soube ter a clarividência de proporcionar ao seu último discípulo, mais distinto, o Professor Dinis da Gama, o contacto e a formação com DeBakey,

Crawford e Morris, expoentes da cirurgia vascular, de forma que a Escola de Angiologia e Cirurgia Vascular Portuguesa pudesse recriar-se e evoluir. ●